

## ESTUDO DO CORPO ANCESTRAL NA CAPOEIRA ANGOLA, NA REGIÃO SUL DO RIO GRANDE DO SUL.

VITALINO DIAS NETO AUTOR<sup>1</sup>; Prof. Dr. CLAUDIO BAPTISTA CARLE ORIENTADOR<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Escola Superior de Educação Física ESEF/UFPEL 1 – slackvital@gmail.com

<sup>2</sup>Instituto de Ciências Humanas ICH/UFPEL Orientador – cbcarle@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo está relacionado ao projeto de Mapeamento arqueológico e cultural dos objetos, lugares, manifestações e pessoas de referência às sociedades tradicionais indígenas e afro-brasileiras na região sul do Estado do Rio Grande do Sul. A “oralidade” é uma das principais formas de interação entre saberes assim se desenvolve o ato de ensinar e aprender com o ancestral. Este processo evidencia o representar o passado reinventando o presente para viabilizar o futuro (ACCURSO, 1995). Os mais “velhos” ensinavam os mais “novos”, e a partir de novas ideias dos “novos” ressignificam o conhecimento tradicional numa relação de ensino-aprendizagem, o corpo ancestral se faz representar.

Esta condição tradicional é premissa dos grupos afro-brasileiros até hoje. Os negros, anos atrás, usavam a ideia de uma “defesa negativa” que consistia em lutar pela sobrevivência, o ato de se abaixar está ligado, neste caso, a se esconder do perigo constante que o escravizado vivia, mesmo nos quilombos. Na atualidade relacionar o corpo do negro com a negativa torna-se uma primeira compreensão do seu processo de crescimento, sua luta diária como pessoa. A negativa é um dos principais movimentos da Capoeira Angola, arte genuinamente brasileira de defesa e ataque, criada provavelmente centros urbanos e mantida nos quilombos coloniais do nordeste do brasileiro (ACCURSO, 1995).

A presença dos escravizados bantos e de seus descendentes, vindos dos portos de Angola, os principais responsáveis pelo desenvolvimento da capoeira, organizando-se conforme seus ancestrais em grupos que se convencionou chamar de linhagens (ACCURSO, 1995). Nos séculos XIX e XX aconteceu a difusão da Capoeira (que passou a ser chamada de Angola) pelo resto do Brasil, em meio a ampliação do Império brasileiro e mesmo durante a República Velha, onde estava criminalizada, a capoeira vai se mantendo em guetos e “fundos de quintal”. A Capoeira Angola tem seus movimentos baseados no trabalho diário do escravizado, do caminhar, no saltar, agachar, levantar, e até na comparação corpórea e gestual dos animais, plantas ou mesmo com referência as formas e movimentos dos astros. Esta imitação está sedimentada nos nomes e formas dos gestos, como exemplo: “macaco”, “rabo de arraia”, “bananeira”, “meia lua de frente”, entre outros. Deste modo, esta é uma das formas, que os movimentos da capoeira angola estão relacionados (ACCURSO, 1995).

A Capoeira Angola, hoje fenômeno social, manifesta o despertar para o autoconhecimento do brasileiro. Possibilita um olhar diferenciado sobre a história do Brasil, na ótica dos excluídos da história, potencializando o estudo da cultura afro-brasileira no que diz respeito às raízes, na formação da identidade do povo brasileiro. Conforme a lei 10.639/03 (BRASIL, 2014), o estudo do corpo do afro brasileiro, por conseguinte do brasileiro, é ressignificar o passado no presente para construir o futuro, pela mesma via onde tudo começou, ou seja, do corpo preso ao corpo em liberdade.

A Capoeira Angola com toda sua manifestação cultural tem suas regras, direitos, deveres, é prática de um jogo. A “cocórinha” (“agachamento” de cócoras) é uma das técnicas de defesa no jogo da Capoeira Angola. O aprimoramento da técnica (rendimento) tem o mesmo significado onde a dança, a luta, a brincadeira exploram o elemento cultural de um povo arrancado de sua terra. “(...) a capoeira é ao mesmo tempo canto, música, dança e luta. Diferente do esporte europeu – onde a mente separada incita o corpo à sua máxima produtividade mecânica – capoeira define-se como jogo” (SODRÉ, 1996, p.64).

Estamos analisando a Capoeira Angola na formação do negro da região sul do Rio Grande do Sul. Partimos da descrição da Capoeira Angola na região e buscamos identificar os movimentos ancestrais na corporeidade do aprendiz e do mestre (exemplo: a negativa e a meia lua de frente estudar os músculos envolvidos, relacionar com a sociedade e a cultura). Assim podemos explicar como os movimentos corpóreos iniciais básicos e que apresentam os traços culturais africanos no Brasil.

## 2. METODOLOGIA

O estudo reporta-se a uma avaliação efetiva das aulas e rodas de Capoeira Angola, no que se refere aos movimentos físicos e dinâmica cultural envolvidas na sua realização. A análise destes processos, no contexto da prática social estruturada e como leitura do mundo cultural, é um ponto chave de aproximação com a capoeira. A investigação dos movimentos cinesiológicos e sua dinâmica dentre desta cultura são foco do estudo validando as formas de educação corporal desenvolvida entre mestres de capoeira e alunos. O estudo descritivo reporta-se a um acompanhamento dos processos desenvolvidos nas aulas. Estuda-se um amplo grupo de referências bibliográficas, ainda muito dispersas, focado sobre questões culturais, educacionais, históricas da capoeira no Brasil.

Através do método etnográfico, com observação de aulas de Capoeira Angola na região de Pelotas (RS), entremeadas com visitas periódicas em Porto Alegre (centro de referência no Estado) analisamos a prática. A oralidade nas aulas e através de entrevistas, como uma das formas de manutenção do conhecimento ancestral dos negros no Brasil, para tanto acompanhamos os capoeiristas e mestres. “Precisa se, hoje, de uma metodologia baseada na cultura popular, para que se possa resgatar a história e a identidade nacional” (ACCURSO, 1995, p.14). Estudamos os fundamentos da Capoeira Angola aliados ao conhecimento corpóreo e o “ser” e não o “ter” a capoeira é uma das formas de análise.

A observação é registrada através de diário de campo, fotografias e filmagens, propiciando uma análise cinésiológica posterior. A prática é interpretada correlacionada as falas e entrevistas com os mestres, professores e aprendizes de capoeira em análise. A oralidade ajuda a identificar os traços culturais de inspiração dos movimentos e os aspectos práticos relacionados ao aprendizado sobre ataque e defesa. Todo este material obtido de forma direta é aprimorado com o aporte bibliográfico de referência.

O estudo bibliográfico sobre a Capoeira Angola segue a premissa que: “O corpo de cada um de nós faz parte de um grupo cultural, por isso revela não somente a singularidade pessoal, mas também tudo aquilo que caracteriza esse grupo como uma unidade” (FIGUEIREDO, 2006, p.28). Assim verificamos os movimentos da Capoeira Angola: a defesa, o ataque, a ginga, a preparação da roda, os instrumentos, e tudo mais relacionado a corporeidade envolvida. A análise cinesiológica é um elo de ligação no entendimento entre corpo e sociedade.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Rego (1968) a Capoeira Angola é “uma invenção dos africanos no Brasil”. A capoeira é “mandiga” disfarçando-se como dança, como luta, como jogo, antigamente aos olhos dos “senhores”, que consideravam “mera idiotice” dos escravizados. A palavra capoeira quer dizer mato ralo, rasteiro, baixinho, os escravizados diziam: “lá na capoeira!” Na capoeira através do corpo, o negro expressava sua força, alegria, a vida que existia naquele corpo maltratado (ACCURSO, 1995).

O escravizado fugia, forma quilombos (hoje há 34 atos de Reconhecimento, ou seja, com negros morando neles, na região de Pelotas) e fortalece os ensinamentos ancestrais. No caminho utilizavam a capoeira, ou seja, o corpo como defesa contra os perseguidores, táticas de guerrilhas móveis com o uso do corpo. A capoeira é forma de resistência contra a dominação, e Accurso (1995) indica que o corpo manifesta “aquilo que a boca cala”. Podemos dizer que a boca cala e o corpo fala, ressaltando a “A necessidade afirmação de uma identidade cultural para uma organização contra a escravidão passava também pelos tambores, lendas, mitos, danças e cantos em nagô, yorubá, congo e outras línguas africanas”(ACCURSO, 1995, p.25).

Este corpo que fala e cala, contra ser objeto de consumo (SODRÉ, 1998), , é a suas origens ancestrais que tomam conta de si, que falam, pedem um olhar diferente sobre sua prática, num país onde, segundo dados do IBGE (2012), 50,7% da população se reconhece/ declara como afrodescendente.

Identificar no passado no presente aquele corpo que foi e ainda é “injustiçado” é um grande desafio. A Capoeira Angola é um alicerce desta obra, pois educa o corpo e a mente contra esta injustiça, a alma manifesta da cultura ancestral do povo brasileiro, nascida na senzala, nos terreiros e difundida nos quilombos deste país se manteve no corpo negro em movimento (SODRÉ, 1998).

A coleta de dados através do acompanhamento das aulas práticas de capoeira e a partir das entrevistas desenvolvidas com os praticantes, professores e mestres de capoeira da região já é bastante grande depôs de um ano de pesquisas. Os dados estão armazenados em diários de campo descritivos e narrativos. Aulas práticas e as rodas foram e são fotografadas em busca de uma dinâmica motora e sobre o universo ritualizado destas ações. A mobilidade corporal envolvida nestas práticas também é filmada. Dados ainda em fase de armazenamento e tratamento para investigar a forma de movimento, de ensino-aprendizagem e sobre os discursos culturais desenvolvidos na capoeira. Devemos ainda realizar as entrevistas a partir da análise dos dados até então coletados.

### 4. CONCLUSÕES

A população brasileira é composta por um amplo contingente de afro-brasileiros que até o momento estão subsumidos, mas que em muitos anos tem desenvolvido o seu corpo por uma atividade de aprendizagem perpetuada por mestres na cultura popular que se difundiram apenas na marginalidade. Dar ouvidos, voz e gestualidade a eles é um dos processos que desenvolveremos através deste projeto.

O trabalho vem descrevendo movimentos da Capoeira Angola, dentro do jogo, nela “se aprende que para toda pergunta existe uma resposta” (ACCURSO, 1995; SODRÉ, 1996, 1998). O ataque-defesa está em constante ação buscando uma melhora na arte de responder. O ataque, defesa e a ginga do capoeira “jeito que o corpo dá” (cantiga usada na capoeira) mostra que o corpo que tem consciência de si. Exemplificamos aqui um destes momentos. O

movimento de ataque da meia lua de frente do jogar “A”, responde se com uma cocórinha (defesa) do jogador “B”, como também a própria ginga do capoeira pode ser considerada uma defesa.

A cinesiologia (FORNASARI, 2001) é a ciência que tem nos proporcionado dentro do universo acadêmico um estudo detalhado do corpo, mente e espírito dentro do movimento, e nisso focamos a capoeira. A capoeira, no entanto, está no espaço popular, não acadêmico e mantida de forma tradicional, pelos velhos mestres afro-brasileiros e é nesse campo que se perpetua. Podemos analisar ou fazer analogias de várias formas, mas o que vemos neste movimento é a luta do negro que, por muito tempo, ainda à margem da sociedade, ergue-se e luta contra a discriminação. Faz, não apenas um movimento, mas vários movimentos no sentido de se defender, de combater seus adversários (ou inimigos), ocultos ou não, mascarados e declarados, que levantaram e ainda agitam a bandeira do preconceito. Reparação é o que se pretende, equidade na pesquisa, no reconhecimento, ressaltando a constante “ginga”, dança, arte de seus ancestrais presente até a atualidade.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACCURSO, Anselmo da Silva. **Capoeira: Um instrumento de Educação Popular**. Porto Alegre: Produção independente, 1995.
- FIGUEIREDO, Márcio Xavier Bonorino Figueiredo. **Educação: corporeidade nos caminhos da infância**. 2.ed. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2006.
- FORNASARI, Carlos Alberto. **Manual para estudo da cinesiologia**. Barueri:Manoele, 2001.
- PESSOA, André Eduardo; BERTOLLO, Mauro; CARLAN, Paulo. **Voleibol – Educação Física e Ensino**. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.
- REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola – Ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968.
- SODRÉ, Muniz. **Esporte com Identidade Cultural**. Brasília: Indesp, 1996.
- SODRÉ, Muniz. **Samba – O dono do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

### Documentos eletrônicos

- BRASIL, **Lei Nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003**, Presidência da República, Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos; acesso em 03 de janeiro de 2014; disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm)
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Escola> (Acesso em 30/08/12 às 15h15)
- [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2170&idpagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2170&idpagina=1) (Acesso em 07/11/12).
- <http://www.promenino.org.br/Ferramentas/Conteudo/tabid/77/ConteudoId/ec156730-3f94-4107-8d70-a3cb9e9d93fd/Default.aspx> (Acesso em 28/08/2012 às 1h30)